

O PARQUE DAS NAÇÕES INDÍGENAS DENTRO DA REALIDADE URBANA DE CAMPO GRANDE

Lilyane Moreira Fontes
Rúbia Diniz
Fernanda Figueiredo

Para que possamos compreender a inserção do Parque das Nações Indígenas dentro da realidade urbana de Campo Grande, é imprescindível que façamos um esboço sobre esta capital.

Sua população, demasiadamente diversificada, foi sendo composta pela migração de vários povos, partindo dos externos (como os árabes e japoneses p. ex.) e dos internos, como os vindos de outros Estados como Minas, São Paulo, Paraná e outros.

Ao longo do tempo, suas ocupações foram identificando-se com as atividades que faziam, estabelecendo-se uns no comércio e outros na área agrícola e pecuária.

A evolução da população atrelou-se às características da região e à evolução da própria cidade, principalmente com a chegada da estrada de ferro e pela importante posição estratégica militar, a partir de 1909.

No bojo desse processo de urbanização, Campo Grande passou a incorporar também outra significativa função: a administrativa municipal, consolidando-se efetivamente a partir da divisão do estado de Mato Grosso, em 1977, e a instalação do novo estado em 1979, quando a cidade se tornou capital do então criado Mato Grosso do Sul.

O espaço urbano de Campo Grande tem como principais elementos as condições topográficas e geomorfológicas de seu sítio, os

córregos do Prosa e Segredo, as vias de ligação da cidade com outros municípios (rodoviária e ferroviária), a presença militar, a centralização espacial acentuada das funções urbanas relacionadas à oferta de bens e serviços e, mais recentemente, a especulação imobiliária.

Contudo, percebe-se que a expansão da ocupação urbana na direção da zona leste da cidade, principalmente após a implantação do Parque dos Poderes, vem viabilizando a tendência à formação de um centro de comércio e serviços nesta região, tendo-se intensificado a partir da implantação do Shopping-Center Campo Grande e do Parque das Nações. A inexistência de outros empreendimentos de mesmo porte e semelhança, além da facilidade de acesso, têm contribuído para que essa região se constitua em um pólo de atração para comerciantes e consumidores da cidade.

Quanto ao Parque das Nações Indígenas, foi concluído de modo que se constituísse um empreendimento cuja estrutura funcional e espacial fosse capaz de atender técnica e ambientalmente ao Programa Básico estabelecido e que consolidasse, integrado urbanística e paisagisticamente, à área onde foi implantado.

Neste sentido, o empreendimento também foi concebido de modo a permitir a formação de um Parque Linear em torno de todo o seu perímetro, constituído-se como uma área voltada para o lazer, estruturada além dos seus limites. Isto propicia o desenvolvimento de atividades de lazer fora ainda dos horários ou dias previstos para o funcionamento do Parque, maximizando-se a função social do empreendimento, através da otimização de sua utilização por parte da população.

O perímetro do Parque das Nações Indígenas se apresenta praticamente circundado por importantes vias públicas, a saber: Av. Afonso Pena, Rua Estremosa, Av. Rio Prosa, Rua Antônio Maria Coelho e Av. Mato Grosso. Considerando, então, as dimensões da própria área, constatou-se a necessidade de serem implantadas várias entradas de modo a facilitar o franco acesso ao público a partir dessas vias, evitando assim, concentrações indesejáveis neste sentido.

Desta forma, adotou-se a estratégia de distribuição das vias de acesso de modo a se encontrarem localizadas equidistantes uma das

outras, ao longo deste “anel viário”, e ainda possibilitando ao usuário ter um acesso mais rápido ao setor do parque que lhe interessa visitar.

Os lagos, face à configuração de seu conjunto, induziram a formação de uma praça central denominada Praça das Águas, caracterizando-se como único local de descanso e contemplação.

No que se refere aos espelhos d’água constituídos através dos barramentos propostos no córrego Prosa, incluindo-se aquele a ser recuperado no córrego Reveilleau, foi-lhes também destinada a função contemplativa, observando-se que no caso dos barramentos, esta função contemplativa é considerada como exclusiva, uma vez que se situam no corpo da inata-galeria a ser recomposta.

A circulação interna do Parque foi estruturada de forma a possibilitar total acesso e integração entre todos os seus setores, considerando-se, ainda, a necessidade de se propiciar a organicidade e a funcionalidade de todo esse conjunto viário, face às dimensões e condicionantes naturais da área, especialmente, no sentido de criar condições para que os cursos d’água não permanecessem como elementos seccionadores do espaço.

Quanto a área limítrofe com a Reserva Biológica do Parque dos Poderes, trata-se de uma área idealizada para se configurar como uma faixa de transição ambiental entre o Parque e a referida Reserva, considerando-se, para isto, as recomendações traçadas para a sua constituição como tal e inseridas no Plano Paisagístico Interno.

O Parque Indígena possui vários atrativos naturais, foi projetado com muita cautela por profissionais competentes, trazendo apenas favorecimentos a nossa cidade. A fauna e flora deste local constituem fatores ecológicos bióticos de grande importância devido a gama de fatores e parâmetros que representa.